



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA  
FACULDADE DE GEOGRAFIA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE GEOGRAFIA

**RUTH HELEM VEIGA CARDOSO**

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E  
FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O  
CURSINHO ALTERNATIVO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ

Artigo monográfico, submetido ao  
Curso de Especialização em Ensino de  
Geografia da Universidade Federal do  
Pará, como requisito final para obtenção  
do título de Especialista em Ensino de  
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo  
Sócrates Castro.

Ananindeua- Pará  
2026

# A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O CURSINHO ALTERNATIVO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ

## LA EXTENSIÓN UNIVERSITARIA COMO ESPACIO DE TRANSFORMACIÓN SOCIAL Y FORMACIÓN DOCENTE EN GEOGRAFÍA: UN ESTUDIO DE CASO SOBRE EL CURSINHO ALTERNATIVO DE LA UNIVERSIDAD DEL ESTADO DE PARÁ

### RESUMO

Em um contexto nacional marcado por intensas desigualdades educacionais, os projetos de extensão universitária de natureza pré-vestibular exercem um papel fundamental na democratização do acesso ao ensino superior e na formação de professores. Nesse contexto, torna-se relevante analisar como a extensão universitária contribui para essas duas dimensões, especificamente no que concerne à formação de professores de geografia e às práticas desenvolvidas nesses espaços. Assim, o objetivo do artigo é compreender de que maneira o projeto de extensão universitária Cursinho Alternativo da Universidade do Estado do Pará colabora com a formação de professores(as) de Geografia e para o acesso dos estudantes ao ensino superior. O percurso metodológico adotado articula abordagens predominantemente qualitativas, com suporte de dados quantitativos, aprofundamentos teóricos e documentais, além da realização de trabalhos de campo e entrevistas. Como resultados, constatou-se que iniciativas como o Cursinho Alternativo representam espaços importantes para o desenvolvimento de práticas e experiências docentes em geografia, ao mesmo tempo que aproximam a universidade da comunidade por meio da extensão universitária ao contribuir com a inserção de camadas populares nas instituições públicas de ensino superior.

**Palavras-chave:** Extensão universitária; Formação de professores, Ensino de Geografia; Cursinho Alternativo.

### RESUMEN

En un contexto nacional marcado por intensas desigualdades educativas, los proyectos de extensión universitaria de carácter preuniversitario desempeñan un papel fundamental en la democratización del acceso a la educación superior y en la formación de profesores. En este escenario, resulta relevante analizar cómo la extensión universitaria contribuye a estas dos dimensiones, especialmente en lo que se refiere a la formación de docentes de Geografía y a las prácticas desarrolladas en dichos espacios. Así, el objetivo del artículo es comprender de qué manera el proyecto de extensión universitaria Cursinho Alternativo de la Universidad del Estado de Pará contribuye a la formación de profesores(as) de Geografía y al acceso de los estudiantes a la educación superior. El recorrido metodológico adoptado articula enfoques predominantemente cualitativos, con apoyo de datos cuantitativos, profundizaciones teóricas y documentales, además de la realización de trabajos de campo y entrevistas. Como resultados, se constató que iniciativas como el Cursinho Alternativo representan espacios importantes para el desarrollo de prácticas y experiencias docentes en Geografía, al mismo tiempo que acercan la universidad a la comunidad mediante la extensión universitaria y contribuyen a la inserción de sectores populares en las instituciones públicas de educación superior.

**Palabras Clave:** Extensión universitaria; Formación de profesores; Enseñanza de Geografía; Cursinho Alternativo

## 1. INTRODUÇÃO

A distribuição desigual de recursos e oportunidades entre diferentes grupos sociais cristalizam-se em disparidades na qualidade de vida e no acesso a bens e serviços essenciais. No Brasil, essas desigualdades são estruturais, caracterizadas por altas taxas de concentração de renda e por um acesso limitado a oportunidades para parcelas significativas da população, que passam a ser margeadas e invisibilizadas. O acesso desigual à educação superior é um dos reflexos desse quadro no território brasileiro, fato que tem suscitado a criação de caminhos alternativos por parte das universidades para reduzir esse problema.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), instituída pela Lei nº 9.394/1996, ao tratar sobre as finalidades da Educação Superior, destaca a obrigatoriedade das instituições universitárias de promover, de maneira integrada, o ensino, a pesquisa e a extensão, de modo a divulgar e estender o conhecimento científico às diversas camadas da sociedade. Nesse contexto, os projetos de extensão universitária desenvolvidos como cursinhos pré-vestibulares, atendendo majoritariamente alunos de escolas públicas, representam importantes iniciativas para fortalecer as relações entre o meio acadêmico e a sociedade, possibilitando o compartilhamento e a aplicação do conhecimento teórico produzido nas universidades em benefício da população.

No contexto de Belém, capital do Estado do Pará, os projetos de extensão dessa natureza assumem diferentes formatos e funcionamentos, criando oportunidades tanto para professores (as) em formação quanto para estudantes que almejam ingressar no ensino superior. Dentre esses projetos, destaca-se o “Cursinho Alternativo da Universidade do Estado do Pará: Ações Interdisciplinares para Inclusão do Aluno Oriundo de Escola Pública”, criado em 2007. O cursinho opera com base no trabalho voluntário, realizado predominantemente por discentes dos cursos de licenciatura, e oferece preparação gratuita à alunos(as) do ensino médio oriundos da rede pública, assim como a pessoas que já concluíram essa etapa, com o objetivo de facilitar seu acesso ao ensino superior.

Em vista disso, o objetivo geral deste artigo consiste em compreender como o projeto de extensão universitário “Cursinho Alternativo da Universidade do Estado do Pará” contribui para a formação de professores(as) de Geografia e para o acesso dos estudantes ao ensino superior. **(Adicionar os objetivos específicos)**

A relevância da pesquisa justifica-se pela necessidade de aprofundar as investigações acerca das contribuições dos projetos de extensão universitária para a formação de professores de geografia e para o auxílio a estudantes de Belém no ingresso à universidade pública. Além disso, permite dimensionar as ações exitosas do cursinho como campo de mediação, transformação e promoção de mobilidade social nos processos de formação e nas dinâmicas

socioespaciais, processos que se consolidam por meio da atuação do cursinho como espaço de formação, resistência e inclusão no âmbito do direito à cidade.

O texto está estruturado em 3 seções de análise, além desta introdução, do percurso metodológico traçado para a pesquisa e das considerações finais. A primeira seção dedica-se à apresentação da dinâmica interna do Cursinho Alternativo, abordando seus componentes e sua organização estrutural. A segunda seção é subdividida em dois momentos: inicialmente, é realizado um breve apanhado teórico acerca das relações entre a extensão universitária e a formação de professores, e, logo na sequência são discutidas, de forma mais empírica, as contribuições do Cursinho Alternativo para a formação acadêmica e profissional dos professores de geografia, a partir de suas práticas e experiências no projeto. Por fim, a terceira seção, também de caráter empírico, analisa as repercussões do projeto em termos de êxito de acesso dos alunos ao ensino superior e em outras dimensões formativas desses estudantes.

## **2. METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para guiar o desenvolvimento deste trabalho é pautada em uma abordagem predominantemente qualitativa, com uso de dados quantitativos. A pesquisa qualitativa se define pela existência de laços entre os sujeitos e suas subjetividades e as realidades concretas objetivas as quais estão vinculados (Minayo, 2002). De forma secundária, serão utilizados dados quantitativos com a finalidade de oferecer suporte e embasamento à análise qualitativa do problemática.

A investigação é baseada em estudo de caso, o qual “representa a estratégia preferida quando colocamos questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (Marconi; Lakatos, 2003. p,128). Nestas premissas, o *locus* da investigação é o projeto de extensão universitária Cursinho Alternativo (CAU), que funciona nas dependências da Universidade do Estado do Pará-campus CCSE (UEPA), instituição localizada no bairro do Telégrafo em Belém/PA.

Os sujeitos da pesquisa organizam-se em dois grupos centrais: professores de Geografia, graduandos e graduados, que atuam como extensionistas no projeto, e alunos do cursinho, tanto da edição de 2025 quanto de anos anteriores. A identificação e a análise dos papéis dos dois grupos são essenciais para a compreensão da dinâmica e das repercussões do cursinho para os sujeitos envolvidos no contexto investigado.

Para alcançar os objetivos propostos foram traçados e executados os seguintes procedimentos metodológicos:

**a) Levantamento e revisão bibliográfica**- referente aos principais conceitos e autores relacionados às abordagens da pesquisa, entre os quais estão: ensino de geografia e formação e professores (Cavalcanti, 2013, 2019,2022, Castrogiovanni; Vallerius, 2022, Leite et al, 2018, Simão; Corrêa, 2024, Moraes, 2022, Pontuschka, 2001), dinâmicas socioespaciais (Santos, 2006, Lefebvre, 2001, Legroux, 2021) e extensão universitária (Rodrigues, 1997, Penin; Mitrulis, 2006, Manchur; Suriani; Da Cunha, 2013). O aprofundamento bibliográfico tem o intuito de identificar pesquisas e concepções previamente desenvolvidas sobre temáticas semelhantes ou correlatadas à da proposta do presente artigo, de modo a oferecer sustentação teórica às discussões construídas no decorrer da pesquisa. Além disso, esse procedimento é primordial para, posteriormente, analisar como as interpretações teóricas se apresentam no campo empírico, tendo em vista as particularidades da realidade estudada.

**b) Análise documental** - relacionada a documentações ligadas aos projetos de extensão universitária de Belém de caráter pré-vestibular formalmente registrados, bem como a documentos mais amplos, como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) da Educação Superior. O estudo documental é fundamental para contextualizar a pesquisa nos marcos e políticas institucionais que fornecem base e orientam os objetivos gerais de funcionamento desses projetos.

**c) Trabalho de campo e entrevistas** - a coleta de informações foi realizada em duas etapas e em dois formatos. No primeiro momento, houve a elaboração e aplicação de um formulário online, produzido no *Google Forms*, direcionado aos alunos de 2025 do Cursinho Alternativo. O objetivo do questionário era obter informações referentes ao perfil dos alunos que participam do projeto, a partir de dados como endereço, renda, ocupação e formas de deslocamento. Ao todo foram coletadas 98 respostas. Na segunda etapa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores(as) de geografia atuantes no projeto, assim como com ex-alunos (as) que passaram pelo cursinho em anos anteriores. No total, foram realizadas 10 entrevistas, 05 com professores(as) e 05 com ex-alunos(as), todas gravadas e transcritas mediante a assinatura de termos de consentimento pelos entrevistados.

### **3. O CURSINHO ALTERNATIVO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ (CAU): TRAJETÓRIA, ESTRUTURA E FINALIDADES**

Em um cenário brasileiro historicamente marcado pelo acesso desigual aos espaços e recursos educacionais formais, uma grande parcela dos brasileiros fica às margens das oportunidades de cursar o ensino superior. De acordo com dados do Censo da educação superior 2023, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o número de ingressantes nos cursos de graduação ultrapassou os 4,9 milhões, sendo

aproximadamente 89% (4.424.983) desse quantitativo na rede privada e apenas 11% (569.209) na rede pública.

Diante de um contexto cada vez mais amplo de mercantilização reificada do ensino e implementação da lógica de mercado na educação, o acesso à universidade pública tem se tornado progressivamente mais distante para as camadas populares do país. O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), principal processo seletivo nacional de ingresso ao ensino superior, reflete a forma desigual com que os estudantes são selecionados, haja vista que se trata de uma prova que exige um nível de preparação ainda inacessível para grande parte da população, considerando os índices de disparidades educacionais existentes no território brasileiro.

Dentro dessa realidade, iniciativas de segmentos populares e institucionais detêm significativo papel na tentativa de inclusão dessa população no ensino superior, sobretudo em universidades gratuitas. Os cursos pré-vestibulares de caráter alternativos/populares compõem essas iniciativas que vem se expandido nos últimos anos com o intuito central de contribuir para a inclusão das camadas mais vulneráveis no espaço acadêmico. Carvalho (2006, p.4) define os cursinhos populares como “[...] espaços de exercício de cidadania ativa, ambientes escolares não formais, mas que objetivam o êxito no ingresso em universidade e locais comunitários de reforço à escolaridade secundária [...]”. Nesse sentido, as funções desses espaços para com os alunos ultrapassam a preparação para os vestibulares, constituindo-se também como campos de estímulo ao pensamento crítico e à valorização do conhecimento como instrumento de emancipação e transformação social.

Em Belém/PA, as ações desenvolvidas nesse sentido estão atreladas a instituições de ensino superior, como projetos de extensão universitários que exercem duplo papel: contribuir com o acesso dos estudantes às universidades e oportunizar o aperfeiçoamento da prática pedagógica de discentes de licenciatura em formação. O cursinho pré-vestibular alternativo da Universidade do Estado do Pará (CAU-UEPA) é uma dessas iniciativas que busca ajudar pessoas em vulnerabilidade socioeconômica a alcançarem vagas nas instituições públicas de educação superior.

O projeto “Cursinho Alternativo da UEPA: Ações Interdisciplinares para Inclusão do Aluno Oriundo de Escola Pública” foi criado em 2007 pelo Professor Dr. Altem Nascimento Pontes, docente da Universidade que desenvolve pesquisas nas áreas de Ciência, Tecnologia, Inovação, Educação, Cultura, Saúde e Meio Ambiente, sendo o gestor do projeto desde sua implementação há dezoito anos. Em 2010, o cursinho foi institucionalizado na Universidade do Estado do Pará pela resolução N° 2124/10-CONSUN em 20 de Outubro. De acordo com o documento oficial do projeto, o objetivo principal do cursinho alternativo é “[...] complementar a formação do aluno adquirida no ensino médio, ampliar as condições para que alunos de baixa

renda possam cursar uma Universidade pública, além de promover a prática pedagógica de alunos da Graduação” (Projeto pedagógico CAU, 2021, p.3)

Seguindo essas premissas, o início do projeto ocorreu com a oferta de aulas para física, química e biologia. Posteriormente foram incorporadas as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Sociologia e Filosofia. O projeto disponibiliza, anualmente, cerca de 400 vagas, de forma totalmente gratuita, para estudantes de toda a região metropolitana de Belém que estejam cursando ou já tenham concluído o ensino médio em escolas públicas ou como bolsistas integrais em instituições privadas.

As atividades do projeto de extensão são desenvolvidas com base no trabalho voluntário de discentes dos cursos de licenciatura, bem como também de cursos de Pedagogia e Secretariado Executivo Trilíngue. No total são 140 extensionistas que participam do projeto, estes divididos em doze equipes, sendo nove equipes de disciplinas gerais, além das equipes de Direção, Secretária e Pedagogia. Na tabela 1 estão detalhados os quantitativos de voluntários em cada equipe que compõe o cursinho.

**Tabela 1:** Distribuição das equipes do Cursinho Alternativo da UEPA. 2025.

<b>Equipe</b>	<b>Quantitativo de Professores (as)</b>
Letras - Língua Portuguesa	10
Letras – Literatura	4
Letras – Redação	7
Matemática	13
História	12
Geografia	15
Sociologia	7
Filosofia	7
Biologia	9
Química	14
Física	11
Secretária	17
Pedagogia	14
<b>Total</b>	<b>140</b>

**Fonte:** Elaboração própria a partir de dados da Secretária do Cursinho Alternativo, 2025

Cada equipe listada possui sua própria coordenação composta por dois professores que ficam responsáveis pela organização das aulas da disciplina ministradas durante o ano letivo no projeto e das demais atividades da equipe. Além disso, as equipes de disciplinas possuem um secretário(a) e um pedagogo(a) para auxiliar nas questões envolvendo a prática docente dos professores, bem como questões burocráticas como contagem de carga horária. Periodicamente os coordenadores de todas as equipes mantêm contato com os membros da direção para dialogar sobre a dinâmica de funcionamento do cursinho e resolução de problemas.

As aulas e demais atividades do projeto acontecem nas dependências do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE), campus I da UEPA. O campus, que possui seis blocos, disponibiliza o bloco VI, aos finais de semana, para a realização das aulas, que são ministradas aos sábados, das 8h às 19:00, e aos domingos, de 9h às 13:20. Quando necessário, o auditório Paulo Freire também é utilizado pelo cursinho, especialmente para aulas interdisciplinares ou palestras. A figura 1 ilustra o bloco VI, onde ocorrem as aulas.



**Figura 1:** Bloco IV. Universidade do Estado do Pará. 2025.  
**Fonte:** acervo da autora, 2025

No que se refere aos alunos, são divididos em nove salas de aula com uma média de 40 pessoas por turma. Desde 2022 o cursinho destina uma turma para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), atendendo a pessoas a partir de 30 anos que pretendem prestar vestibular e voltar aos estudos. Assim, o projeto abrange estudantes de diversas faixas etárias, variando de 16 a 60 anos ou mais, oriundos de diferentes localidades da região metropolitana de Belém.

Quanto ao ingresso no cursinho, este ocorre por meio de processo seletivo realizado no início do ano, em razão da alta demanda por vagas. A seleção consiste em uma prova escrita baseada em uma temática específica definida pela direção do projeto. Posteriormente, caso haja evasão, os estudantes que compõem a lista de espera são convocados para ocupar as vagas disponíveis.

Entretanto, o número de vagas ofertado é insuficiente para atender a quantidade de pessoas interessadas em participar do cursinho, o que representa uma limitação do projeto. Além disso, outras restrições se fazem presentes no cotidiano do cursinho e precisam ser reconhecidas para que seu funcionamento seja plenamente compreendido, e futuramente, melhorado.

Entre essas limitações, destaca-se a dependência em relação a infraestrutura física da universidade e aos custos de materiais necessários para a realização das aulas. No tocante à infraestrutura, em algumas ocasiões o espaço utilizado pelo cursinho precisa ser cedido para atividades institucionais, como concursos públicos, assim como, para própria manutenção da instituição. Nesses períodos, as aulas precisam ser suspensas ou adaptadas para outros formatos, como o remoto, modalidade à qual nem todos os alunos conseguem ter acesso. Em relação aos materiais básicos, como pincéis e tintas, estes são providos pelo coordenador geral do projeto, já outros itens, como apostilas impressas muito utilizadas pelos professores, acabam sendo custeadas pelos próprios professores ou pelos alunos.

Apesar das dificuldades, o cursinho alternativo vem contribuindo há quase duas décadas com o processo de entrada de muitos estudantes na educação superior, denotando assim a relevância de projetos de extensão universitária para a sociedade, sobretudo para aqueles que vivem em vulnerabilidade social e econômica. Na próxima seção será abordado o papel dessas iniciativas para a formação profissional de professores de Geografia, que não apenas adquirem experiência na realidade da sala de aula proporcionada pelos projetos de extensão, mas também passam a construir práticas pedagógicas contextualizadas às condições socioeconômicas e espaciais dos alunos.

#### **4. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DOCENTES EM CONSTRUÇÃO**

##### **4.1 A relação da extensão universitária com a formação de professores e as desigualdades socioespaciais**

A formação de professores, com especial atenção aos professores de geografia, é um processo que envolve inúmeras variáveis e segmentos, com percursos que se desenrolam desde a formação inicial nas universidades até as distintas vivências nos ambientes escolares que lapidam constantemente o trabalho docente. Na formação do professor de Geografia, a complexidade desse processo baseia-se “[...] em uma série de ocasiões, tempos e espaços que demarcam e constituem a identidade do professor em diferentes movimentos, e que compreendem diversos momentos de sua história” (Castrogiovanni; Vallerius, 2022, p.133).

Dentre esses momentos, a formação inicial configura-se como um período essencial para a construção do professor, pois é nela que são edificadas as bases teóricas-metodológicas para o exercício docente. Imbernón (2011) enfatiza tal ideia ao considerar esse período como basilar para que o professor adquira um conjunto de saberes e experiências contextualizados nos âmbitos científico, cultural, psicopedagógico e pessoal, de modo a conseguir lidar com toda a complexidade que envolve o processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, muitos são os desafios encontrados nas instituições de ensino superior que dificultam a concretização de uma formação inicial plena e qualificada, realidade que provoca debates constantes acerca dessa temática desde os anos 1990, culminando na criação de leis e resoluções, como a Resolução CNE/CP 1/2002, a Resolução CNE/CP 2/2015 e a Resolução CNE/CP nº 2/2019, que definem as DCNs para a formação inicial em nível superior e para formação continuada (Donato *et al*, 2019). As mudanças mencionadas refletem a necessidade de rever a maneira como as universidades e os cursos de licenciatura estão direcionando a formação de professores no país, principalmente no tocante à adoção de alternativas e práticas (novas ou não) que visem o desenvolvimento de profissionais autônomos, críticos e capazes de articular os fundamentos teóricos com a prática educativa, como denota Cavalcanti (2013).

Assim, os desafios e os impasses recorrentes que permeiam a formação de professores exigem

(...) novas configurações de cursos e a implantação de novas práticas de formação inicial, para além das previsões normativas e regulamentares, que se relacionem efetivamente com as transformações sociopolíticas em andamento, cujos reflexos se fazem sentir na escola e na reorganização de toda a educação básica (Leite *et al*, 2018, p.721)

Em se tratando dos professores de geografia, promover uma formação inicial e continuada que contemple questões sociais e políticas reais é de suma relevância para se ter futuramente profissionais que consigam instigar os alunos a construir um conhecimento geográfico significativo que articule os conteúdos programáticos à sua realidade.

Nesse quadro, a extensão universitária é uma importante ferramenta para criar e/ou aperfeiçoar formas que integrem o conhecimento acadêmico e o contexto educacional real. Citada no artigo 207<sup>1</sup> da Constituição Federal de 1988, a extensão é colocada como indissociável do ensino e da pesquisa nas universidades, englobando uma multiplicidade de práticas que favorecem

a materialização dos saberes acadêmicos. Além de permitir aos discentes vivenciarem e refletirem práticas pedagógicas, principalmente por intermédio de projetos de intervenções e atividades pedagógicas que norteiam o processo de ensino e aprendizagem (...) Destaca-se o quanto essas atividades tornam-se essenciais para o

---

<sup>1</sup> Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm).

processo de formação inicial de professores, pois os graduandos vivenciam a realidade escolar por meio da extensão universitária no início de sua formação acadêmica (De Sousa, 2020, p.112).

Segundo Rodrigues (1997), as origens da ideia de extensão universitária remontam ao século XIX, durante a Revolução Industrial na Inglaterra. Isto porque, havia a preocupação em formar técnicos especializados dentro das camadas menos privilegiadas, formação esta que não era a mesma disponibilizada para as elites, as quais recebiam educação para cargos de governo (Rodrigues, 1997).

No Brasil, a extensão teve início em 1930, estando voltada assim como nos países europeus, para uma formação técnica do trabalho das classes menos favorecidas, sem ter o intuito real de proporcionar uma qualificação significativa e autônoma para essas pessoas (Rodrigues, 1997). Esse cenário muda a partir dos anos 1980 com o movimento de redemocratização do país, que coloca em pauta a autonomia das universidades e seu papel para com a sociedade, desencadeando “(...) debates em torno da extensão, especialmente vindos do Movimento Docente Organizado e do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB)” (Rodrigues, 1997, p.106). O texto constitucional mencionado anteriormente que coloca a extensão como uma prática inseparável do ensino e da pesquisa é resultado dessas discussões e representa a mudança na forma de se fazer extensão a partir dos núcleos universitários.

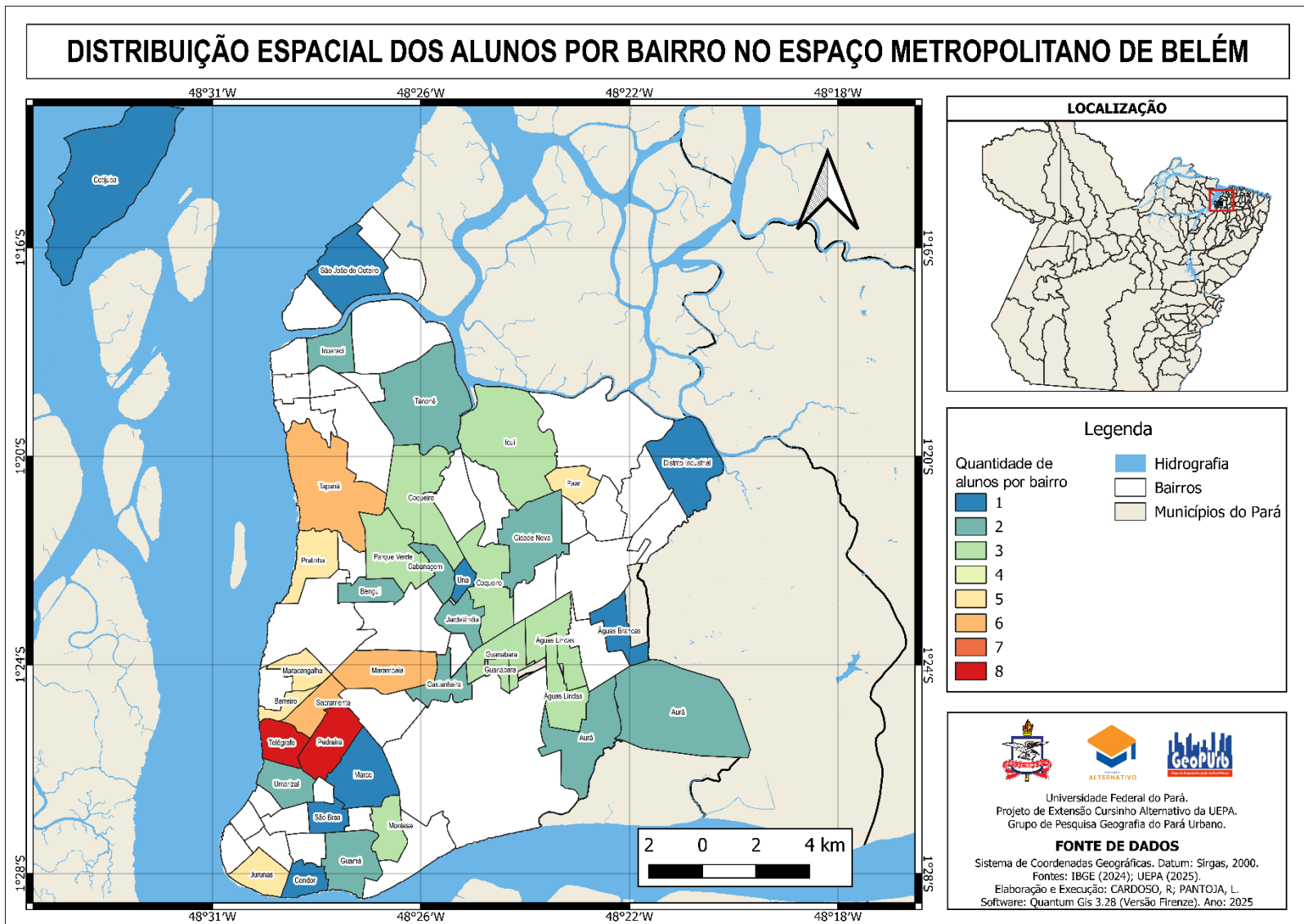
As atividades de extensão se apresentam de diversas maneiras e são desenvolvidas com diferentes finalidades, contudo, neste artigo, o enfoque será nos projetos de extensão caracterizados como pré-vestibulares. Tais projetos crescem a partir do final da década de 1990 e início dos anos 2000, quando há uma crescente preocupação do poder público quanto à expansão do ensino superior no Brasil (Penin; Mitruilis, 2006). Isso ocorre em um contexto contemporâneo de abertura econômica e outros processos atrelados a globalização, que passaram a exigir dos cidadãos níveis de qualificação mais elevados.

O estudo da dinâmica dos cursinhos pré-vestibulares originados da extensão universitária também contribui para a discussão acerca dos desafios na formação de professores, ao trazer para esse debate a relevância de compreender como esses projetos se inserem em cenários de desigualdades socioespaciais presentes nos espaços urbanos, especialmente em termos de acesso e inclusão educacional. Além disso, tais análises permitem refletir sobre como essas problemáticas atravessam a trajetória de formação docente.

A concepção de Santos (2006) sobre o espaço geográfico como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, ou seja, uma mescla das relações sociais e das materialidades, auxilia no entendimento de como as disparidades são produzidas e reproduzidas no âmbito socioespacial por meio de ações humanas intencionais e

historicamente guiadas pelo capital. Assim, se o espaço é constantemente moldado pelas práticas sociais em um processo dialético, as desigualdades socioespaciais não se configuram apenas como falhas estruturais, mas como produtos de uma desordem estatal, forjada pela reprodução de um modelo social desigual e excludente.

Trazendo essa perspectiva para a realidade do projeto analisado, o Cursinho Alternativo, torna-se possível analisar essas desigualdades a partir da distribuição espacial dos alunos atendidos pelo projeto nos bairros de Belém e em municípios vizinhos, conforme ilustrado no mapa 1.



**Mapa 1-** Bairros de origem dos alunos do CAU. Região Metropolitana de Belém, 2025.  
**Fonte:** Elaboração própria a partir de dados da Secretária do cursinho alternativo, 2025.

A distribuição espacial dos estudantes apresentada na representação cartográfica salienta o alcance metropolitano do projeto e sua importância no enfrentamento às desigualdades de acesso à educação, haja vista a expressiva presença de alunos no cursinho advindos de bairros da periferia de Belém e de municípios vizinhos, com ênfase em Ananindeua. Isto denota que o CAU não é apenas uma iniciativa pedagógica de extensão universitária, é também uma intervenção no espaço e na sociedade que possibilita a exteriorização do direito à cidade (Lefebvre, 2001) através da educação. Nesse sentido, apesar da distância e os impasses estruturais e financeiros, moradores de áreas mais afastadas do centro da capital encontram no projeto uma oportunidade acessível de continuidade formativa.

No contexto da formação dos professores de geografia, a convivência e a prática dos docentes em meio às distintas realidades sociais, econômicas e espaciais presentes no cursinho favorecem a construção de um espaço formativo no qual é possível apreender que o acesso à educação não se desenvolve isoladamente, sendo profundamente atravessado pelas desigualdades socioespaciais que estruturam o cotidiano dos alunos.

Logo, a participação no projeto de extensão permite que os professores em formação entendam suas práticas docentes também como instrumentos de transformação social e enfrentamento das disparidades socioespaciais, contribuindo para romper barreiras que limitam o acesso a oportunidades que deveriam ser comuns a todos. Imersos nessa realidade, os professores são instigados a atuar em prol da constituição de um pensamento geográfico pelos alunos (Cavalcanti, 2013, 2019, 2022) articulado às realidades que os cercam.

#### **4.2 A formação de professores de Geografia no Cursinho alternativo da UEPA: atuação e impactos profissionais**

Na formação de professores, os cursos pré-vestibulares criados a partir dos projetos de extensão promovem ao discente “(...) o contato direto para o desenvolvimento da prática docente, que possibilita o desenvolvimento de metodologias de ensino que potencializam a sua formação acadêmica” (Manchur; Suriani; Da Cunha, 2013, p.335) em uma realidade concreta. O Quadro 1 elenca alguns dos principais cursinhos existentes em Belém que foram constituídos mediante projetos de extensão universitária.

<b>Projeto de extensão</b>	<b>Instituição vinculada</b>
Programa Universidade Aberta (PUA)	Universidade Federal do Pará (UFPA)
Cursinho Popular Esperançar	Universidade do Estado do Pará (UEPA)
Projeto Pré-Enem	Instituto Federal do Pará (IFPA)
Cursinho Alternativo da Uepa (CAU)	Universidade do Estado do Pará (UEPA)

**Quadro 1:** Cursinhos vinculados à projetos de extensão universitária

**Fonte:** Elaboração própria a partir de pesquisa documental e sites eletrônicos

Cada curso mantém sua própria estrutura de funcionamento de acordo com a organização de sua respectiva instituição de ensino superior. Por isso, os horários e dias das aulas podem ocorrer tanto durante a semana, como no caso do PUA e do Projeto Pré-Enem, como também aos finais de semana, a exemplo do Cursinho Esperançar e Cursinho Alternativo. A maioria dos integrantes dos projetos são discentes de licenciatura que prestam trabalho voluntário, além de docentes responsáveis pela gestão das atividades.

Ao analisar como esses benefícios se traduzem nas práticas e vivências dos professores de geografia do cursinho alternativo da UEPA, nota-se que os elementos que contribuem para as experiências positivas são provenientes do projeto de modo geral, juntamente com ações dos próprios professores enquanto equipe. Atualmente, o grupo é composto por 15 extensionistas, sendo 7 professoras e 8 professores, estes formados ou graduandos pela UEPA e IFPA<sup>2</sup>.

De modo geral, a equipe trabalha em um sistema de oito “frentes”, no qual cada uma corresponde a uma área da disciplina voltada ao ENEM, sendo elas: Cartografia, Geografia Física, Globalização, Geopolítica, Geografia da População, Geografia Agrária e Geografia Urbana. As frentes ocorrem em no mínimo três sábados seguidos, com 3 professores escalados para as 9 turmas e um professor de apoio. Ao fim destas, iniciam-se as revisões que antecedem a prova do Enem<sup>3</sup>.

Ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a ingressar no cursinho, os professores destacaram em suas falas dois pontos centrais: a obtenção de experiência em sala de aula e a oportunidade de ajudar os alunos a adentrarem na universidade. O Quadro 2 apresenta esses elementos nas falas dos entrevistados.

<b>Extensionista entrevistado</b>	<b>Respostas</b>
<b>Professor A:</b> 28 anos, cursando 8º semestre da graduação	Primeiramente, seria, no caso, <b>aprimorar as técnicas</b> . Né, ter a <b>vivência em sala de aula</b> , ter a oportunidade de aprender como é que ocorre esse processo, tanto com o pessoal da sala de aula quanto com o público do cursinho, que é específico, né? No qual a gente não tem tanto contato assim durante o estágio, né? Que a gente faz na graduação, né? E também a oportunidade de dar o <b>retorno social, né?</b>
<b>Professora B:</b> 19 anos, cursando 4º semestre da graduação	A gente vai para uma sala de aula, <b>eu acredito que o cursinho é uma forma de me preparar para a sala de aula</b> , e eu já tinha esse desejo antes, né? No ensino médio e tudo mais (...) A questão de você estar ajudando outras pessoas a se preparar para uma coisa que eu tive a oportunidade de estar em uma escola boa, mesmo sendo da rede pública, eu tive uma oportunidade em uma escola bem estruturada. <b>Então, trazer isso</b>

<sup>2</sup> Apesar de todos os professores (as) da atual equipe de geografia possuírem formação relacionada a UEPA e ao IFPA, o cursinho alternativo recebe extensionistas de todas as universidades, públicas e particulares.

<sup>3</sup> Informações obtidas por meio da coordenação da equipe de geografia

	<b>para essas pessoas que não têm tanta estrutura, não têm essa oportunidade, é uma forma de eu recompensar o que eu estou aprendendo.</b>
<b>Professora C:</b> 28 anos, graduada a 2 anos	No início da graduação, eu tinha muita dúvida se realmente seria essa a profissão que eu queria seguir. Tanto que, logo no começo, nós temos algumas disciplinas que não te envolvem tanto na sala de aula, como professor. <b>E o cursinho foi a minha primeira oportunidade de ter esse contato com a sala de aula.</b> Então, eu achei muito importante ter a prática pra saber se eu realmente queria isso.

**Quadro 2:** Motivações dos professores para entrar no CAU

**Fonte:** Elaboração Própria - trabalho de campo, setembro de 2025

As respostas dos professores refletem um desafio encontrado por grande parte dos estudantes de licenciatura no país na formação inicial: o distanciamento da atividade prática em sala de aula nos cursos de licenciatura. Isso se deve, em larga medida, à hierarquização existente nos componentes curriculares dos cursos de licenciatura, a qual separa as disciplinas “(...) referentes aos fundamentos epistemológicos da ciência, e os componentes didáticos-pedagógicos que versam sobre o ensino. Em outras palavras aqui, aparentemente, teoria e prática possuem assentamentos totalmente distintos” (Simão; Corrêa, 2024, p.211).

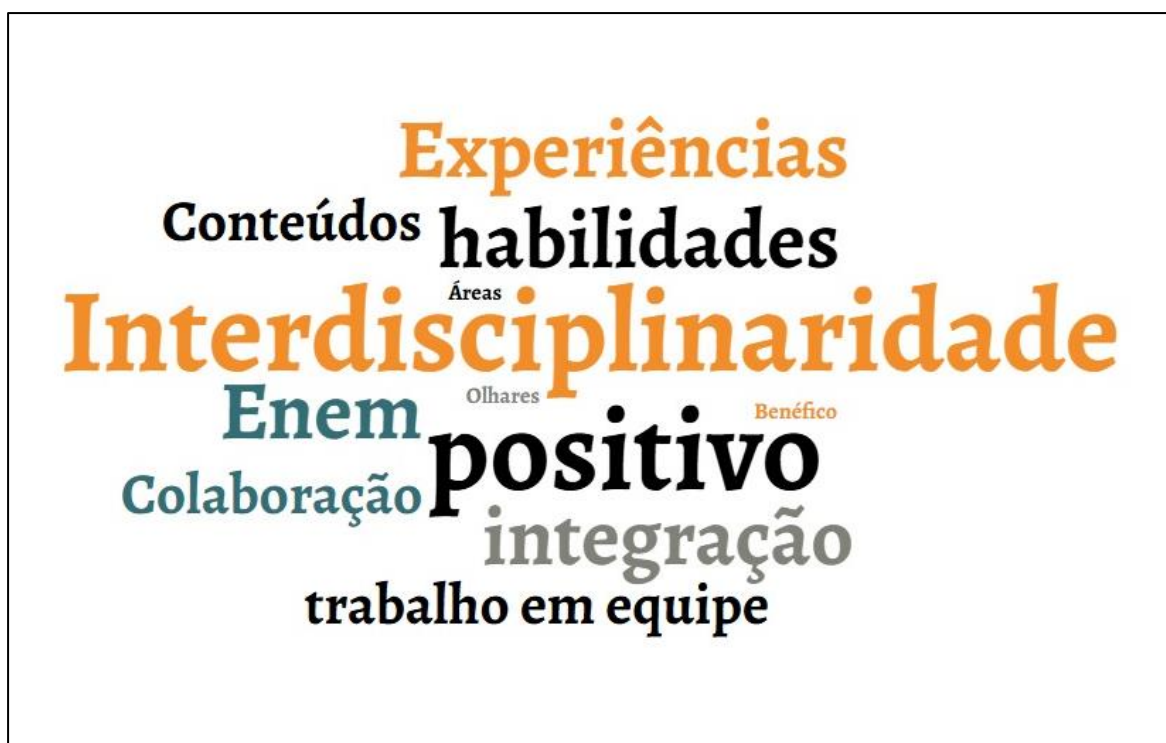
Nesse contexto, o Cursinho Alternativo ajuda a suprir essa lacuna ao proporcionar aos professores de geografia o contato direto com um ambiente semelhante ao espaço escolar, no qual podem desenvolver habilidades e competências que não foram trabalhadas de maneira plena na graduação, unindo teórica e prática. Em relação a isso, a fala da professora B denota

Eu acredito que o cursinho fez a gente entrar em prática de uma coisa que a gente só está tendo na graduação. **Então eu consegui conectar os dois conhecimentos, da graduação e da prática do cursinho.** Porque eu conseguia, no começo, eu fazia um plano de aula, demorava duas, três horas para fazer um plano de aula. **Então, depois que eu comecei a estar no cursinho, eu fiz um plano de aula mais rápido, porque eu já comecei a entender a questão da estrutura real de como deveria ser aplicado dentro de uma sala de aula** (resposta oral obtida em entrevista, setembro de 2025, grifo da autora)

A menção da professora ao aprimoramento da elaboração do plano de aula por meio da prática no cursinho, um elemento importante no planejamento escolar, evidencia a relevância da vivência prática em sala de aula para consolidar aprendizados que permanecem abstratos quando abordados apenas de maneira teórica na graduação. Assim, essas experiências são essenciais para que os exercícios pedagógicos discutidos na universidade não se tornem estranhos ao cotidiano do professor, e, conseqüentemente, para que as técnicas e teorias não fiquem sem a aplicabilidade real no trabalho docente (Moraes, 2022).

Para além do âmbito de atuação individual, os professores foram questionados se a convivência e as relações com professores de outras disciplinas no projeto influenciam no desenvolvimento do ensino de geografia. Com o intuito de sintetizar e facilitar a visualização

das percepções dos professores quanto a essa questão, foi produzido um gráfico em formato de Nuvem de Palavras, destacando os termos mais recorrentes nas falas dos entrevistados, conforme ilustrado na Figura 2.



**Figura 2:** Nuvem de Palavras: considerações sobre o convívio com professores de outras disciplinas no CAU  
**Fonte:** Elaboração Própria - trabalho de campo, 2025

Entre as opiniões apontadas pelos professores, o realce dado à interdisciplinaridade, atrelado ao ensino de geografia, expressa a relevância da interação entre distintas áreas do conhecimento, que complementa o processo de ensino-aprendizagem em geografia, contribuindo conforme Pontuschka (2001) para o “aprofundamento das noções e conceitos básicos sobre o espaço geográfico” (p.135). Evita-se assim, que os conteúdos sejam tratados de forma fragmentada.

Outro aspecto identificado nas entrevistas diz respeito a como os professores (as) lidam com a diferença de idades dos alunos do cursinho, e como essas experiências impactam na construção deles enquanto docentes. No Quadro 3 estão contidos alguns trechos das respostas dos entrevistados acerca desse tópico.

Extensionista entrevistado	Respostas
<p><b>Professor A:</b> 28 anos, cursando 8º semestre da graduação</p>	<p>A gente consegue caminhar em diferentes etapas das idades. E <b>a gente percebe que o processo de ensino e aprendizagem, em algumas idades, se dá de forma diferente, né?</b> A turma EJAI ela tem uma pegada diferenciada, né? A gente precisa adaptar os conteúdos, trazer um pouco mais para a realidade deles. Já os alunos mais novos, a gente tem a facilidade porque eles estão vivenciando bem mais isso. Então, trazer um pouco da</p>

	rotina deles e do momento que eles estão vivendo também é mais fácil, né? <b>Mas acredito que o ponto chave é a diferença de idade e como esse conhecimento é oferecido para cada um, para cada público.</b>
<b>Professora B:</b> 19 anos, cursando 4º semestre da graduação	Essa questão dessa diferença de idade de um aluno para outro traz experiências diferentes para você, para o professor em si. <b>Porque a gente vai conseguir trabalhar com pessoas diferentes.</b> Se um aluno aprende de um jeito, a gente vai ter que aprender como esse aluno aprende. Mas e o outro aluno? Ele vai aprender da mesma forma? Não! <b>Então, é como se fossem metodologias diferentes. A questão da didática ser diferente para cada um, então a gente acaba aprendendo mais ainda com esses alunos do que eles com a gente.</b>
<b>Professora C:</b> 28 anos, graduada a 2 anos	<b>Eu acho muito interessante porque a gente acaba usufruindo bastante da nossa didática, que são abordagens muito diferentes.</b> Da mesma forma que eu não vou entrar numa sala de ensino fundamental, eu não vou entrar no ensino médio. Vou ter que usar uma linguagem diferente. <b>E até mesmo é bom pra gente, porque quando nós estamos na universidade, a gente tem uma linguagem muito acadêmica.</b> E assim também conforme a idade, forma que eu explico numa turma regular com alunos que são mais jovens, dos 15 até os 18 anos, por exemplo, não é a mesma forma que eu vou abordar uma turma EJA, que tem um aprendizado um pouco mais diferente. Então, tem que falar um pouco mais devagar, tem que ter uma outra abordagem.

**Quadro 3:** Sobre a experiência de lecionar para diferentes faixas etárias no CAU

**Fonte:** Elaboração Própria - trabalho de campo, setembro de 2025.

Os relatos demonstram que a convivência e o trabalho com alunos de diversas faixas de idade contribuem com a formação docente dos extensionistas, pois os desafiam a refletir sobre sua atuação e sobre as especificidades de cada público, fortalecendo a compreensão da necessidade de metodologias adequadas o ritmo de aprendizado de cada estudante, do mais jovem ao mais idoso.

#### 4.3 A formação de professores de Geografia no Cursinho alternativo da UEPA: as práticas no ensino de geografia

No que se refere às estratégias didáticas utilizadas pelos professores de geografia no Cursinho Alternativo, os relatos durante as entrevistas apontaram para diferentes meios de se trabalhar os conteúdos da disciplina de modo mais significativo para os alunos. A tabela 2 apresenta os itens mais citados pelos extensionistas.

**Tabela 2:** Estratégias didáticas utilizadas no ensino de geografia

<b>Estratégias relatadas</b>	Apostilas de exercícios e atividades	Materiais didáticos como globos e mapas mentais	Aula-campo	Slides	Instagram
------------------------------	--------------------------------------	---	------------	--------	-----------

<b>Quantitativo de menções</b>	04	03	05	03	04
--------------------------------	----	----	----	----	----

Fonte: Elaboração Própria - trabalho de campo, setembro de 2025.

Dentre as estratégias mais citadas pelos professores(as) estão as apostilas, seja de exercícios ou atividades em geral, aulas de campo e o uso da rede social Instagram. Em relação as apostilas, os professores justificam o uso mais recorrente desses materiais em razão da carência de recursos mais diversificados no projeto. Contudo, buscam adapta-las para cada conteúdo com atividades que trabalhem habilidades de análise, interpretação e aplicação integrada dos conhecimentos, como pode ser observado na Figura 3.

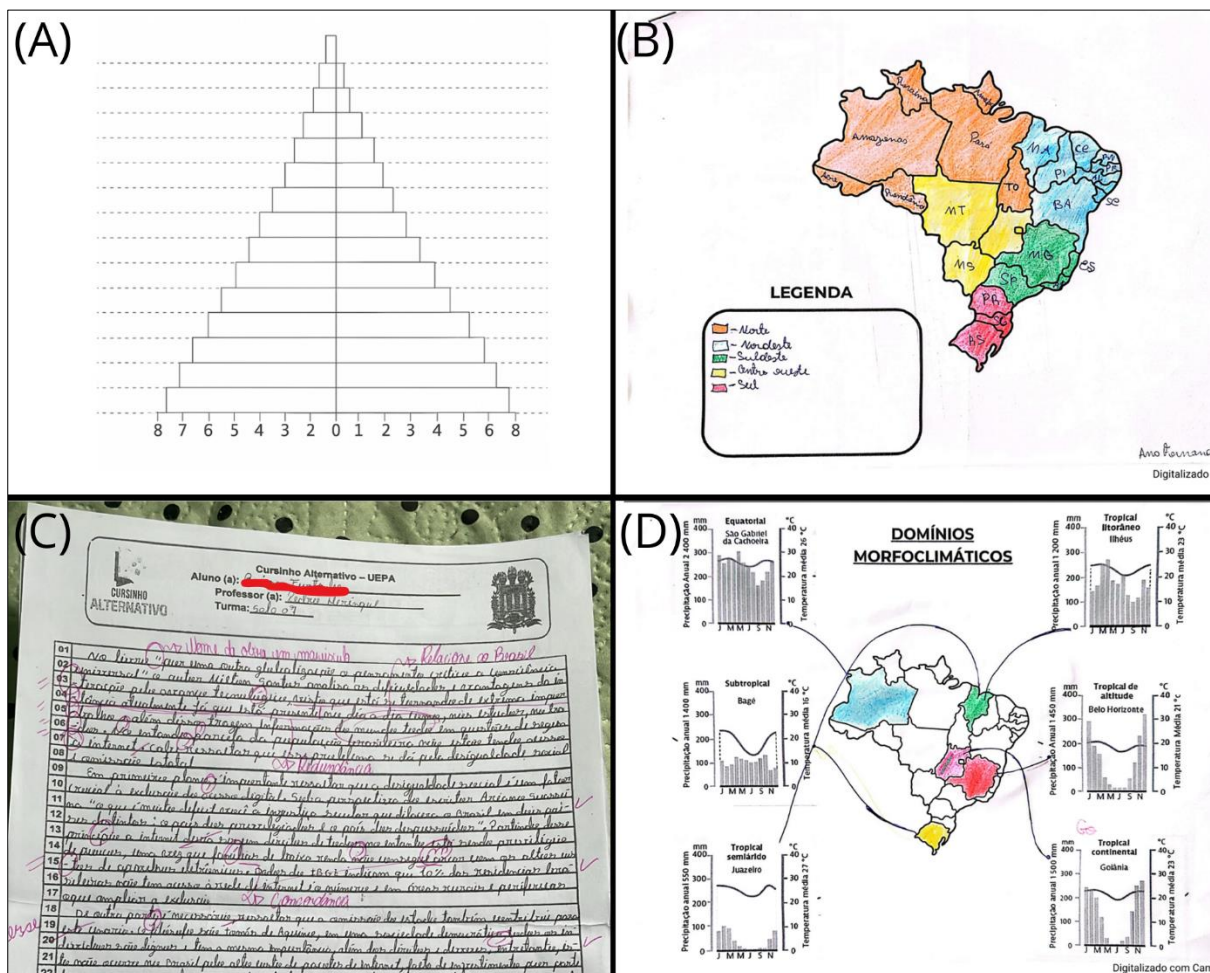


Figura 3: Atividades utilizadas pela equipe para reforçar os conteúdos das frentes de População (A), Cartografia (B), Globalização (C)<sup>4</sup> e Geografia física (D).

Fonte: Materiais fornecidos pela coordenação da equipe de geografia, 2025.

As atividades, portanto, funcionam como complemento ao modelo de aula expositiva-dialogada, predominante no cursinho. No tocante aos outros dois elementos mencionados, aula-campo e Instagram, os professores(as) explicam que a equipe de geografia criou uma conta no

<sup>4</sup> A atividade C foi aplicada em conjunto com a equipe de redação do cursinho, de maneira a usar os conhecimentos geográficos como repertório no texto dissertativo-argumentativo.

Instagram a 2 anos denominada “Geocabanos”, com o objetivo de manter um canal de comunicação com os alunos também nas redes sociais e postar conteúdos complementares ao que era abordado em sala de aula. Na fala da professora D,

**(...) a equipe de geografia especificamente começou a utilizar as redes sociais para se comunicar com o seu aluno, utilizando várias ferramentas.** Questões comentadas, publicações, orientações para as provas. **Não necessariamente tem a ver somente com o Enem, como eu já te falei, mas com conhecimentos básicos atuais, com assuntos atuais que acontecem.** Por exemplo, Oriente Médio, indicação de filme, tem um outro que fizemos que foi muito interessante, que foi uma das mais curtidas, que foi o deslizamento no Rio Grande do Sul, então, foi algo bem interessante que a equipe fez (resposta oral obtida em entrevista, setembro de 2025, grifo da autora).

Já sobre as aulas de campo, estas são promovidas tanto pela direção geral do cursinho, como também pela equipe de geografia individualmente. Estas últimas iniciaram recentemente, atreladas ao crescimento do perfil da equipe na rede social. Segundo os entrevistados, os(as) professores decidiram promover por meio do Instagram, aulas-campo voltadas centralmente aos alunos do Cursinho Alternativo, mas abertas também ao público externo. A iniciativa começou em agosto de 2025, no centro histórico de Belém. As duas falas a seguir abordam as aulas de campo, tanto do cursinho quanto da equipe de geografia em particular.

E outra estratégia são os trabalhos de campo, que é o cursinho em si que tenta fazer. **Ele faz nos momentos em que ele consegue uma abertura no calendário, seja por um feriado, seja por dedetização, um concurso público que usa o espaço da universidade. Ele acaba levando esses alunos a vivenciar o espaço urbano, o sítio urbano, então conhecer as características da cidade, a historiografia da cidade.** Eles tentam, através do trabalho de campo trabalhar também com os conteúdos que estão ali na cidade (Professora D, resposta oral obtida em entrevista, setembro de 2025, grifo da autora).

E, recentemente, também a gente fez uma aula ao ar livre, né? **Foi para trabalhar sobre o processo de formação socioterritorial de Belém, abordando pontos específicos como o forte do castelo a pedra do peixe, ver-o-peso. Teve também inserção interdisciplinar com o pessoal de história,** que aguçou mais a visão e a interpretação sobre a realidade amazônica específica da cidade. (Professor A, resposta oral obtida em entrevista, setembro de 2025, grifo da autora).

O trabalho de campo, utilizado enquanto estratégia didática tanto pelo cursinho em geral quanto pela equipe de geografia, representa uma metodologia ativa que ultrapassa os muros das salas de aula e contribui com um processo de ensino-aprendizado contextualizado com a realidade dos estudantes. Consoante Moraes e Castellar (2018), as metodologias ativas são eficazes pois reduzem ou solucionam impasses presentes no espaço escolar, o que, no caso do Cursinho Alternativo, se traduz na necessidade de transpor o tradicional modelo de aula expositiva-dialogada voltada ao Enem, construindo conhecimentos, a partir da observação direta e da reflexão crítica sobre o espaço geográfico.

Dessa maneira, apreende-se que as atividades e práticas pedagógicas atreladas ao cursinho, buscam desenvolver processos de ensino-aprendizagem que não se restrinjam à preparação para a prova do ENEM, mas que consigam também contribuir com a formação de

cidadãos conscientes na realidade que vivenciam. Ao trazer isso para o contexto do ensino de geografia, a professora C ressalta:

**(...) eu acho que vai sempre um pouco além disso (do ENEM), porque nós estamos preparando pessoas, jovens e adultos, enfim, para o mercado de trabalho também, né? Para uma especialização, para uma profissionalização. Então, é como se nós estivéssemos ali acompanhando o sonho deles, construindo junto com eles. Fora isso, todos os nossos. Conteúdos de geografia a gente sempre tenta trazer para o aluno uma visão de mundo. Mesmo entender, por exemplo, qual classe social a pessoa está inserida, questões de ter uma visão mais crítica sobre a sobre o que está acontecendo no mundo, né? Para eles terem uma compreensão da realidade deles, se aproximar sempre da realidade deles** (resposta oral obtida em entrevista, setembro de 2025, grifo da autora).

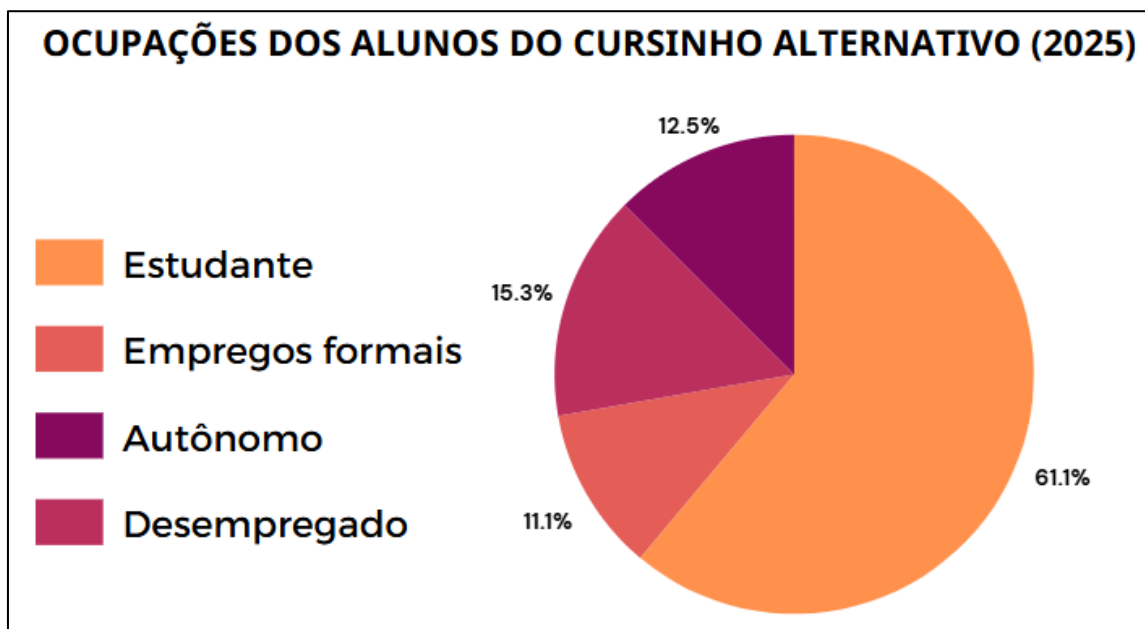
O relato da professora evidencia que o ensino de geografia no Cursinho Alternativo vai além da preparação para o vestibular, pois assume um papel formativo mais amplo voltado a construção sujeitos críticos e ativos que entendam as espacialidades e contradições contemporâneas.

## **5. RESULTADOS E REPERCUSSÕES: O PAPEL DO CURSINHO ALTERNATIVO NO INGRESSO AO ENSINO SUPERIOR**

Para além dos impactos relacionados à formação de professores, o Cursinho Alternativo também desempenha importante função na democratização do acesso ao ensino superior, ao oferecer suporte educacional gratuito a estudantes de baixa renda. Considerando isso, esta última seção é dedicada a apresentar e discutir as repercussões das atividades do projeto de extensão em termos de inserção dos alunos nas universidades públicas.

### **5.1 Perfil dos alunos do Cursinho Alternativo em 2025**

A partir das respostas dos alunos, obtidas por meio do formulário online, e das informações fornecidas pela direção do cursinho, identificou-se que, em 2025, o projeto atende aproximadamente 300 alunos, com idades entre 16 e 62 anos. Quanto às ocupações desses indivíduos, o Gráfico 1 apresenta a distribuição percentual com base nos dados coletados.



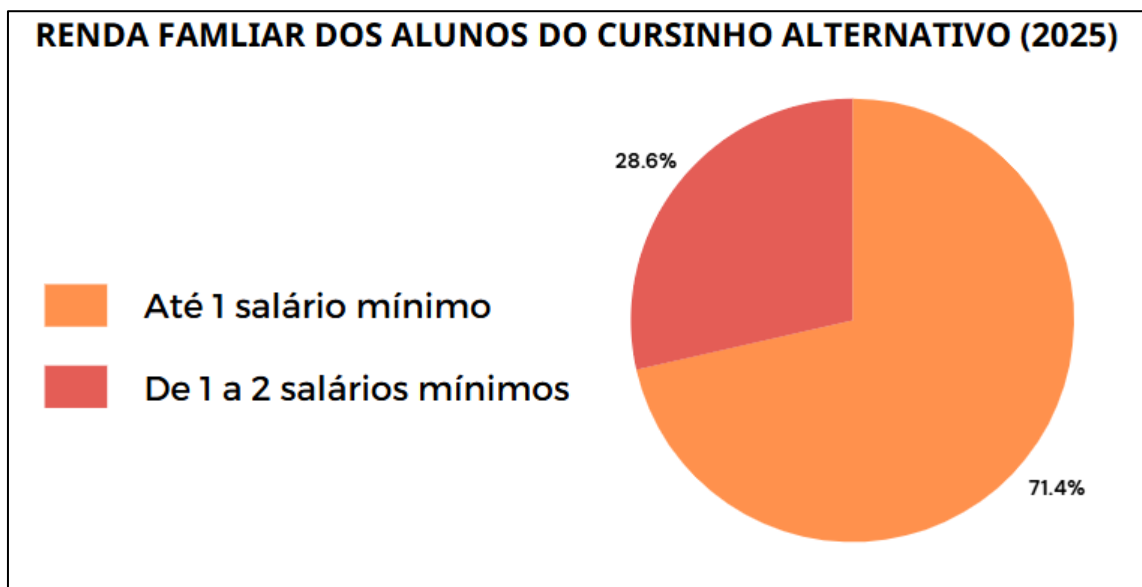
**Gráfico 1-** Ocupações dos alunos do Cursinho Alternativo. 2025.

**Fonte:** Elaboração própria, 2025

O Gráfico 1 demonstra que, somando estudantes e desempregados, pouco mais de 75% das respostas coletadas indicam que grande parte dos alunos do projeto não possui ocupação profissional. Esse percentual reforça o papel do cursinho como um suporte educacional para aqueles que ainda não ingressaram no mercado de trabalho e que buscam, por meio do acesso ao ensino superior, ampliar suas qualificações e perspectivas futuras.

Os demais percentuais, correspondentes a autônomos e empregados formais, revelam um público, em geral, mais velho, que concilia a vida profissional com os estudos ou, em alguns casos, retoma a trajetória escolar, como ocorre com os alunos da turma EJAI. Para esses alunos, o cursinho representa uma oportunidade conciliar os estudos com atividades profissionais, especialmente em função do horário de funcionamento aos finais de semana.

Além das ocupações dos alunos, outro aspecto relevante identificado nas respostas do formulário diz respeito às suas rendas familiares. O Gráfico 2 ilustra as porcentagens referentes a essa variável.



**Gráfico 2:**Renda familiar dos alunos do Cursinho Alternativo. 2025

**Fonte:** Elaborado própria, 2025

De acordo com a leitura do gráfico, é possível inferir que a maioria dos alunos do cursinho pertence a famílias com renda mensal de até um salário mínimo, o que caracteriza um público majoritariamente em condição de vulnerabilidade socioeconômica. Esse cenário reflete as desigualdades e os desafios enfrentados pelas populações mais pobres no contexto educacional, já que, muitas vezes, os estudantes não tem condições financeiras de arcar com um preparatório privado para o vestibular, recorrendo assim a alternativas gratuitas, como o Cursinho Alternativo.

Em relação aos meios de transportes utilizados pelos alunos para chegar à UEPA aos finais de semana, as respostas mostraram que 88,8% dos estudantes utilizam o ônibus como meio de locomoção, 4,1% chegam de moto, 2% de carro e 5,1% deslocam-se a pé ou por outros meios, como o barco<sup>5</sup>, até o cursinho. Ademais, o tempo de percurso dos estudantes varia de 5 minutos a 1h40, dependendo do bairro de origem e do tipo de transporte usado por cada aluno. Aqueles que moram em bairros mais afastados ou fora de Belém (Mapa 1) enfrentam trajetos mais longos para chegar às aulas.

A predominância do uso do transporte público coletivo indica que parte dos estudantes atendidos pelo cursinho não possui meios próprios de locomoção ou recursos para utilizar meios de transporte privados, como o Uber, o que está diretamente atrelado à faixa de renda a qual esses alunos pertencem, conforme discutido anteriormente. Assim, a mobilidade pode ser lida como um reflexo das contradições que permeiam a dinâmica socioespacial desses alunos, uma vez que, conforme Legroux (2021, p.02) a mobilidade é

o nexu entre as diferentes dimensões cada vez mais fragmentadas da vida cotidiana (habitar, consumo, lazer, trabalho, relações, educação, saúde etc.) e envolve tempos

<sup>5</sup> Um dos alunos respondeu ao formulário que utilizava o barco pois residia na região das ilhas de Belém.

(do corpo, do deslocamento, ou ainda aquele necessário para financiar os deslocamentos) e elementos espaciais (distâncias, barreiras físicas e simbólicas).

Dessa maneira, as formas e o tempo de deslocamento figuram também como elementos desafiadores na realidade desses estudantes, principalmente para aqueles que vivem nas regiões mais longínquas do espaço metropolitano, pois pode comprometer tanto a frequência quanto permanência nas atividades do cursinho.

Após compreender o perfil geral dos alunos atendidos pelo projeto, no tópico a seguir serão analisadas as repercussões práticas do cursinho na trajetória dos ex-alunos que chegaram à educação superior.

## **5.2 Impactos do Cursinho Alternativo na inserção no ensino superior**

O ingresso nas universidades públicas, sobretudo por meio do ENEM, é um processo cercado de enfrentamentos e dificuldades para as populações de baixa renda. Em um contexto contemporâneo de precarização e sucateamento do ensino médio público a partir de uma coalização de distintos agentes, as barreiras tornam-se cada vez maiores. Frente a isso, iniciativas como o Cursinho Alternativo tem apresentado resultados que amenizam tais desafios, e contribuem com a inserção das camadas populares no ensino superior público.

Em termos quantitativos, o índice de aprovação do cursinho é significativo. Segundo dados da direção do projeto, em 2019 houveram 69<sup>6</sup> alunos aprovados em universidades públicas do Estado, dentre elas a Universidade do Estado do Pará (UEPA), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal Rural da Amazonia (UFRA) e Instituto Federal do Pará (IFPA). Entre os anos de 2021 e 2022 houve uma queda nas aprovações, o que pode ser explicado pelos impactos da pandemia de Covid-19, conforme relatado pelo diretor geral do cursinho daquele período.

Devido a necessidade do distanciamento social, o cursinho funcionou no formato remoto em 2020 e 2021, e muitos alunos enfrentaram dificuldades para acompanhar as aulas em razão da falta de recursos e equipamentos. Não somente, outras questões associadas ao contexto pandêmico também corroboraram para o aumento dos impasses na trajetória de estudos desses alunos. Com a volta das aulas presenciais em 2022 o cursinho obteve resultados positivos nos listões de 2023, contabilizando um total de 95 alunos aprovados somente na primeira chamada das instituições.

Apesar das variações, o projeto sempre manteve certa constância em seus índices de aprovação, classificando alunos em cursos de graduação de diversas áreas, desde as licenciaturas na área de educação, até cursos na área da saúde, como medicina e enfermagem

---

<sup>6</sup> Esse quantitativo não abrange as listas de repescagens subsequentes, somente os listões de primeira chamada.

por exemplo. Neste bojo, quando questionados sobre a contribuição do cursinho para suas respectivas entradas nas universidades, os ex-alunos(as) entrevistados proferiram as seguintes falas:

Aluno(a) entrevistado(a)	Respostas
<b>Entrevistado 1:</b> 21 anos, aprovado em 2023 no curso de Serviço Social (UFPA)	<b>Eu tive uma experiência no terceiro ano e o cursinho me ajudou demais mesmo nesse sentido dessa carência que eu tive do meu ensino médio.</b> Ele foi essencial, principalmente, na área das humanidades, na escola a área das humanidades era bem defasada.
<b>Entrevistada 2:</b> 20 anos, aprovada em 2023 no curso de Fisioterapia (UFPA)	(...) ali em 2022, eu estava meio que saindo da bolha, ali <b>pós-pandemia</b> , onde eu não tinha aprendido nada. <b>Então, eu acredito que, se não fosse o cursinho, talvez eu não estivesse na universidade, porque o básico do ensino médio para fazer a prova do ENEM eu realmente aprendi ali nas aulas que eu frequentei.</b>
<b>Entrevistada 3:</b> 24 anos, aprovada em 2021 no curso de Secretariado Executivo Trilíngue (UEPA)	Eu aprendi vários conteúdos super importantes, comecei a entender redação, <b>porque no meu ensino médio eu não tive um contato totalmente com redação.</b> Já fui ter bem no final do ensino médio e eu aprendi muita coisa. Então, <b>coisas que eu não vi também no ensino médio, eu consegui ver no cursinho alternativo.</b>

**Quadro 3:** Falas acerca das contribuições do Cursinho Alternativo na aprovação dos alunos

**Fonte** Elaboração Própria - trabalho de campo, outubro de 2025.

Os relatos dos entrevistados denotam a importância do cursinho para os alunos, sobretudo no sentido de complementar e preencher lacunas de aprendizagem deixadas pelo ensino médio. As falas enfatizam que muitos estudantes chegaram ao projeto com dificuldades em determinadas disciplinas e encontraram nas aulas ministradas o apoio para sanar esses déficits. Dessa forma, o cursinho não apenas contribui para a preparação dos alunos para a prova do ENEM, mas também promove a democratização do ensino, oferecendo uma formação que muitas vezes não é plenamente garantida nas instituições de origem.

A importância do projeto pode ainda ser mensurada a partir dos diferenciais mencionados pelos entrevistados, dispostos na Tabela 3.

**Tabela 3-** Diferenciais do cursinho apontados por ex-alunos (as)

Diferenciais relatados	Gratuidade	Funcionamento aos finais de semana	Trabalho voluntário	Qualidade
<b>Quantitativo de menções</b>	05	04	03	02

**Fonte:** Elaboração Própria - trabalho de campo, setembro/outubro, 2025.

A gratuidade do cursinho foi citada como o principal diferencial entre os entrevistados, o que se explica ao fato de o público abrangido pelo projeto ser majoritariamente de baixa renda. Logo, tanto a gratuidade das aulas quanto a oferta de materiais didáticos sem custo são fatores determinantes para a acolhida desses alunos. O funcionamento das aulas aos finais de semana foi o segundo aspecto mais mencionado pelos ex-alunos(as), haja vista que poucos projetos de

caráter pré-vestibular oferecem atividades aos sábados e domingos. Esse diferencial garante maior acessibilidade aos estudantes que trabalham e/ou estudam durante a semana e não consegue frequentar outros preparatórios. Ambos os diferenciais são expressos na fala do entrevistado 1:

Com toda certeza, a acessibilidade e o fato de ele ser gratuito, **eu nunca vi, pelo menos até então, algum outro cursinho que consiga essa acessibilidade do sábado e do domingo.** No máximo, aliás, a gente tem o sábado, mas no domingo acho que é o grande diferencial. **O fato de ser gratuito, porque a gente está aqui no cursinho de graça e o preparatório particular não é barato. E o cursinho também dava material, então a gente sabe que em outros cursinhos esses materiais são vendidos** (resposta oral obtida em entrevista, setembro de 2025, grifo da autora).

Os elementos aludidos, somados aos demais diferenciais, como o trabalho voluntário e a qualidade do projeto, são reconhecidos de forma positiva pelos entrevistados, que indicaram essas características como razões que os motivaram a permanecer e a admirar o trabalho dos extensionistas envolvidos. Nessa perspectiva, observa-se que as repercussões do projeto ultrapassam o êxito nas aprovações, exercendo influência em aspectos pessoais e nas escolhas profissionais dos alunos, como pode ser percebido nas falas a seguir.

Aluno(a) entrevistado(a)	Respostas
<b>Entrevistada 3:</b> 24 anos, aprovada em 2021 no curso de Secretariado Executivo Trilíngue (UEPA)	<b>Acho que a perspectiva de futuro foi uma delas por conta da minha carreira profissional.</b> Até porque eu estava construindo uma carreira profissional, <b>mas me fez ter uma visão mais humana das pessoas.</b> Porque as pessoas com quem eu estudei, todo mundo tinha uma história de vida, uma história de superação. Construção desse lado mais humano. <b>Tanto que eu decidi entrar no cursinho alternativo já como secretária.</b>
<b>Entrevistada 4:</b> 19 anos, aprovada em 2023 no curso de Letras (UFRA)	<b>Eu acho que a escolha é pela licenciatura, no meu caso, eu estou na licenciatura.</b> Eu acho que, com os professores do Alternativo, eu pude pegar um pouco do gosto pela licenciatura. <b>Ver como a licenciatura funciona nessa parte meio prática também me fez criar um certo amor pela docência</b>
<b>Entrevistada 5:</b> 24 anos, aprovada em 2020 no curso de Filosofia (UEPA)	Além da aprovação, retornei ao Alternativo em 2021 no terceiro semestre da graduação entrando para a equipe de professores de filosofia. <b>O alternativo me possibilitou não só a oportunidade de ingressar na universidade, mas na minha preparação como professora/educadora.</b> Me dediquei 5 anos ao alternativo, mesmo formada ainda frequentava a universidade e tentava ajudar na medida do possível.

**Quadro 3:** Repercussões do Cursinho Alternativo na vida pessoal dos ex-alunos (as)

**Fonte:** Elaboração Própria - trabalho de campo, setembro/outubro, 2025.

As falas do Quadro 3 expressam como a vivência no Cursinho Alternativo gerou impactos nas esferas pessoais e profissionais da vida dos ex-alunos, ultrapassando apenas a inserção no meio acadêmico. As perspectivas de futuro estabelecidas, a formação humanizada e o despertar de vocações profissionais são experiências compartilhadas que enfatizam o amplo

papel de transformação social projeto, não o limitando apenas aos resultados de aprovações no ENEM.

Para além disso, os relatos de retorno das entrevistadas 3 e 5 como extensionistas do projeto, atuando, respectivamente, nas funções de secretária e professora de filosofia, exemplifica como a extensão universitária estimula o engajamento social dos alunos através uma educação emancipatória que visa a formação de sujeitos críticos e agentes transformadores. O êxito do projeto de extensão, portanto, é reflexo de um trabalho coletivo que têm em sua essência o ato de proporcionar uma educação responsável e humana para aqueles que são os mais atingidos pelas desigualdades sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensão universitária constitui uma importante ferramenta de aproximação entre o espaço acadêmico e a sociedade, podendo ser desenvolvida em diversas áreas e de distintas maneiras. Essas atividades, além de possibilitarem o compartilhamento do conhecimento produzido nas universidades com a população, também auxiliam na formação profissional dos estudantes de graduação.

Como demonstrado nas análises realizadas neste trabalho, o projeto de extensão Cursinho Alternativo da UEPA, ao oferecer aulas voltadas ao Enem de forma gratuita, aos finais de semana, para alunos em vulnerabilidade socioeconômica, cumpre seu papel ao colaborar com a redução das desigualdades educacionais no acesso ao ensino superior. Para além disso, as entrevistas com os(as) ex-alunos(as) revelaram que os efeitos do projeto alcançaram dimensões pessoais e humanas durante o processo formativo.

Outrossim, os resultados constataram que a iniciativa também contribui de maneira expressiva para a formação de futuros professores de geografia, os quais adquirem experiência pedagógica a partir da dinâmica de funcionamento do projeto. Nesse sentido, os relatos dos professores/extensionistas evidenciam que o cursinho foi fundamental para suprir lacunas não efetivamente trabalhadas na graduação, especialmente na relação entre teoria e prática no exercício docente. No âmbito da prática, notou-se que o projeto impulsionou os professores a desenvolverem iniciativas além da sala de aula, como a aula de campo, o que denota a amplitude do impacto do cursinho no comprometimento e nas ações dos extensionistas para com o ensino de geografia.

Conclui-se, assim, que o projeto de extensão analisado apresenta duplo impacto social: ao mesmo tempo que contribui para a formação prática dos graduandos, proporcionando experiências docentes e pedagógicas, também desempenha um papel fundamental na democratização do acesso ao ensino superior, ao oferecer suporte educacional gratuito a estudantes de baixa renda. Assim, ressalta-se a importância dos projetos de extensão como espaços de aprendizagem e transformação social, bem como a necessidade do desenvolvimento de outras pesquisas que analisem os distintos impactos da extensão universitária para a sociedade no âmbito dos cursinhos populares.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 02 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. LDB-Lei n 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 05 jun. 2025.

CARVALHO, J. C. B. **Os cursos pré-vestibulares comunitários e seus condicionantes pedagógicos**. Cadernos de Pesquisa. v. 36, n. 128. p. 299-326 São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/qMLsKvvrQqp8ymVQnGBnjtH/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2025.

CASTROGIOVANNI, A.C; VALLERIUS, D.M. A forma(ação) de professores de Geografia: perguntas e certezas provisórias que nos movem. In: RICHTER, D; SOUZA, L. F. de; MENEZES, P.K de. (Orgs). **Percursos teórico-metodológicos e práticos da geografia escolar**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022, p. 133-148.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18ª ed. Campinas: Papirus, 2013.

\_\_\_\_\_. **Geografia escolar e a cidade**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2013.

\_\_\_\_\_. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia, Goiás: Editora Alfa & Comunicação, 2019.

\_\_\_\_\_. Ensinar e pensar pela geografia como meta da atuação docente: fundamentos teóricos para (re) construir uma didática da Geografia. In: RICHTER, D; SOUZA, L. F. de; MENEZES, P.K de. (Orgs). **Percursos teórico-metodológicos e práticos da geografia escolar**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022, p. 33-55

DE SOUSA, M. G. A Importância da Extensão Universitária para o Processo de Formação Inicial em Geografia. **REVISTA FORM@ RE EM NOVO ENDEREÇO**, v. 8, n. 1, 2020. Disponível em: [https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=IMPORT%C3%82NCIA+DA+EXTENS%C3%83O+UNIVERSIT%C3%81RIA+PARA+O+PROCESSO+DE+FORMA%C3%87%C3%83O+INICIAL+EM+GEOGRAFIA1&btnG=#d=gs\\_cit&t=1760577733368&u=%2Fscholar%3Fq%3Dinfo%3A\\_pv1eC0hvD0J%3Ascholar.google.com%2F%26output%3Dcite%26scirp%3D0%26hl%3Dpt-BR](https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=IMPORT%C3%82NCIA+DA+EXTENS%C3%83O+UNIVERSIT%C3%81RIA+PARA+O+PROCESSO+DE+FORMA%C3%87%C3%83O+INICIAL+EM+GEOGRAFIA1&btnG=#d=gs_cit&t=1760577733368&u=%2Fscholar%3Fq%3Dinfo%3A_pv1eC0hvD0J%3Ascholar.google.com%2F%26output%3Dcite%26scirp%3D0%26hl%3Dpt-BR). Acesso em: 09 ago. 2025.

DONATO, S. P.; ENS, R. T.; RIBAS, M. S.; SANTOS, S. R. C. Elementos de profissionalidade docente para educação básica: o que diz a Resolução CNE/CP N° 2/2015. **Ensaios Pedagógicos**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. p.69–81, 2019. DOI: 10.14244/enp.v3i3.160. Disponível em: <https://ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/160> Acesso em: 1 ago. 2025.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEGROUX, J. A triplicidade do espaço e das práticas cotidianas de mobilidade para o estudo da fragmentação socioespacial. **Revista de Geografia**, São Paulo, v. 28, n. 51. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/47518>. Acesso em: 18 nov.2025.

LEITE, E. A. P. et al. Alguns desafios e demandas da formação inicial de professores na contemporaneidade. **Educação & Sociedade**, v. 39, p. 721-737, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/yyCJRCdt8bMZXSfrdQRNBM/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MANCHUR, J; SURIANI, A. L. A; DA CUNHA, M. C. A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas. **Revista Conexão UEPG**, v. 9, n. 2, p. 334-341, 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/SAMSUNG/Downloads/michaves,+15-p334\\_341%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/SAMSUNG/Downloads/michaves,+15-p334_341%20(1).pdf). Acesso em: 20 set. 2025.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Disponível em [/https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf). Acesso em: 20 fev. 2025.

MITRULIS, E; PENIN, S. T. de S. Pré-vestibulares alternativos: da igualdade à equidade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, p. 269-298, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/Fg5JFpqRZkkpmwF9KVw6Wqm/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 03 abr. 2025.

MOARES, J. V.; CATELLAR, S. M. V. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias** Vol. 17, nº 2, 2018. Disponível: [https://reec.uvigo.es/volumenes/volumen17/REEC\\_17\\_2\\_07\\_ex1324.pdf](https://reec.uvigo.es/volumenes/volumen17/REEC_17_2_07_ex1324.pdf). Acesso em: 19 set. 2025.

MORAES, A.C.R. Renovação da geografia e filosofia da educação. In: OLIVEIRA, A.U. de. (Org.). **Para onde vai o ensino da geografia?** São Paulo: contexto, 2022, p.118-124.

PONTUSCHKA, N.N. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, A.F.A. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: contexto, 2001, p.111-142.

RODRIGUES, M.M. Extensão Universitária: um texto em questão. **Educação e Filosofia**. v.11, n 21-22, p. 89-126. Uberlândia, 1997. Disponível em: <file:///C:/Users/SAMSUNG/Downloads/admin,+artigo+6.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 2006.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ. **Formulário para Apresentação de Projeto de Ensino/Extensão**. 2021.